

AUTISMO

Orientações Práticas para a Escola



Guia para Professoras da Educação Básica - Volume 1



ADAPTE

FICHA DE EDITORAÇÃO

Título: AUTISMO: Orientações Práticas para a Escola - Guia para Professoras da Educação Básica

Volume 1

Autores: Emanuel Santana e Márcia Elaine Fernandes Pedralino Santana

Revisão de texto: Márcia Elaine Fernandes Pedralino Santana

Projeto gráfico e diagramação: Emanuel Santana

Ilustração: imagens geradas por Inteligência Artificial, com curadoria e direção de arte de Emanuel Santana, e edição final em Photoshop e Illustrator.

Capa: Emanuel Santana

Edição: 1ª edição

Ano: 2025

Formato: eBook (formato digital)

Direitos autorais: © ADAPTE Educação – Todos os direitos reservados

Contato: contato@adapte.com.br

Site: adapte.com.br

Santana, Emanuel

AUTISMO: orientações práticas para a escola / Emanuel Santana, Márcia Elaine Fernandes Pedralino Santana. – 1. ed. – São Paulo: ADAPTE Educação, 2025.

eBook (formato digital)

1. Educação inclusiva. 2. Transtorno do Espectro Autista.
3. Autismo. 4. Práticas pedagógicas.

I. Santana, Márcia Elaine Fernandes Pedralino. II. Título.

CDD: 371.90472

ÍNDICE

AUTISMO: Orientações Práticas para a Escola	1
1 - Compreender para Acolher: O Aluno Autista na Sua Sala de Aula	6
1.2. O Mundo Através de Outros Sentidos: Entendendo o Processamento Sensorial.....	8
1.3. Enxergando Potenciais, Não Apenas Desafios: A Abordagem Baseada em Forças	9
2 - A Sala de Aula Estruturada: Criando um Ambiente Seguro e Previsível	10
2.1. Organização que Acalma: Estruturando o Espaço Físico.....	10
2.2. O Poder dos Apoios Visuais: Tornando o Abstrato, Concreto.....	11
2.3. Dominando Rotinas e Transições: O Segredo da Previsibilidade	13
3 - Estratégias Pedagógicas que Funcionam	14
3.1. Comunicação Clara é a Chave: Como Dar Instruções Eficazes.....	14
3.2. Adaptação Inteligente: Atividades e Avaliações para Todos.....	15
3.3. O Hiperfoco como Aliado: Usando Interesses Especiais para Ensinar.....	16
4 - Navegando o Mundo Social e Emocional.....	17
4.1. Ensinando Habilidades Sociais na Prática	17
4.2. O Termômetro das Emoções: Apoiando a Autorregulação	19
4.3. Bullying: Estratégias de Prevenção e Ação.....	20
5 - Comportamento é Comunicação	21
5.1. Decodificando a Mensagem: O que o Comportamento Está Dizendo?	21
5.2. Agir Antes que Aconteça: O Poder das Estratégias Antecedentes.....	24
5.3. O Guia Prático do Reforço Positivo	25
6 - Você Não Está Sozinha: Rede de Apoio.....	26
6.1. A Parceria Essencial com a Família: Da Reunião ao Dia a Dia	26
6.2. O Trabalho em Equipe com o Profissional de Apoio/Mediador	28
6.3. Descomplicando o PEI: Do Papel à Prática	29
Referências Bibliográficas	32

AUTISMO

Orientações Práticas para a Escola

Guia para Professoras da Educação Básica - Vol. 1

Uma Ferramenta para a Professora

A rotina da professora da educação básica no Brasil é uma maratona diária. Entre o planejamento de aulas, a correção de atividades, o preenchimento de relatórios e a gestão de turmas numerosas, a demanda por inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas adiciona uma camada de complexidade e responsabilidade que, muitas vezes, não é acompanhada do suporte adequado. A sobrecarga administrativa e a burocracia consomem um tempo precioso que poderia ser dedicado à inovação pedagógica e ao atendimento individualizado dos estudantes.

*Ferramentas
certas não
pesam:*

*Aliviam,
organizam e
devolvem à
professora o
que é dela:*

*O poder de
ensinar com
propósito.*



Nesse cenário, emerge um sentimento crônico de desvalorização profissional, refletido em pesquisas que mostram que apenas 7% dos docentes se sentem tão valorizados quanto profissionais de outras áreas, como médicos ou engenheiros. Mais crucial ainda é a sensação de despreparo: a formação inicial, muitas vezes teórica e generalista, raramente oferece as ferramentas práticas necessárias para acolher e ensinar um aluno no espectro autista de forma eficaz. Essa lacuna formativa gera insegurança e o receio constante de não estar fazendo o suficiente ou, pior, de estar fazendo algo errado.

Este guia foi concebido com a plena consciência dessa realidade. Ele não é um manual teórico adicional para sobrecarregar a rotina. Pelo contrário, é uma caixa de ferramentas prática, baseada em evidências científicas, projetada para economizar tempo, aumentar a confiança e oferecer respostas diretas que funcionam no contexto real da sala de aula brasileira. Este material não foi criado para dar mais trabalho, mas sim para fornecer estratégias claras, eficazes e aplicáveis que transformam a incerteza em ação segura.

A ADAPTE Educação, embasada na união entre a vivência prática e a mais robusta expertise científica, posiciona-se como uma aliada estratégica na jornada da educação inclusiva. O compromisso da ADAPTE vai além da oferta de cursos; trata-se de construir uma parceria com cada educadora e educador, fornecendo o suporte necessário para que a inclusão não seja apenas uma exigência legal, mas uma realidade pedagógica bem-sucedida e gratificante para todos.

*Mais do que saber tudo,
o que transforma a sala de aula
é ter por onde começar.*

1 - Compreender para Acolher: O Aluno Autista na Sua Sala de Aula

A inclusão eficaz de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) começa com uma mudança fundamental de perspectiva: passar de uma visão focada em um diagnóstico para uma compreensão profunda de um indivíduo com uma forma única de perceber, processar e interagir com o mundo. Este capítulo traduz os conceitos técnicos do autismo para a realidade da sala de aula, oferecendo uma base sólida para o acolhimento e o planejamento pedagógico.

1.1. Além do Diagnóstico: O que o Autismo Significa na Prática?

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) define o TEA com base em dois critérios centrais: déficits persistentes na comunicação e interação social; e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Para a professora, é vital traduzir essa linguagem clínica para comportamentos observáveis no ambiente escolar.

Dificuldades na Comunicação e Interação

Social: Isso pode se manifestar de formas variadas. O aluno pode não responder quando chamado pelo nome, não por desobediência, mas por uma dificuldade em processar o estímulo auditivo em meio a outros ruídos. Pode apresentar dificuldade em entender ironias, metáforas ou piadas, interpretando a linguagem de forma literal. Iniciar ou manter uma conversa com colegas pode ser um grande desafio, assim como compreender regras sociais não explícitas, como esperar a sua vez de falar, compreender figuras de linguagem ou entender a linguagem corporal dos outros.

*Antes de ensinar,
é preciso enxergar
não o diagnóstico,
mas a pessoa inteira que
aprende de outro jeito.*

*A inclusão
começa
quando
trocamos
o julgamento
pelo olhar
curioso:
O que esse
comportamento
quer me dizer?*



Padrões Restritos e Repetitivos: Estes comportamentos, muitas vezes chamados de estereotípias ou “stims”, cumprem uma função autorregulatória importante. O aluno pode se balançar, bater as mãos (flapping) ou emitir sons para se acalmar em um ambiente sobrecarregado ou para expressar excitação. Interesses intensos e focados em um único tema (hiperfoco), como dinossauros, planetas ou sistemas de metrô, são comuns. A necessidade de rotina e a resistência a mudanças também se enquadram aqui; uma alteração inesperada no horário das aulas, por exemplo, pode gerar grande ansiedade e desorganização.

É fundamental adotar uma abordagem de “diferença e não de déficit”. O cérebro autista não é uma versão “defeituosa” de um cérebro neurotípico; ele opera com um sistema de processamento diferente. Compreender essa diferença é o primeiro passo para criar estratégias eficazes. Muitos dos desafios observados em sala de aula não são manifestações de desafio ou má vontade, mas sim respostas a uma sobrecarga sensorial, social ou cognitiva que gera um nível elevado de ansiedade. A ansiedade é, frequentemente, o pano de fundo para a maioria dos comportamentos disruptivos. Portanto, o papel da professora se transforma: de uma “controladora de comportamentos” para uma “arquiteta de ambientes de baixa ansiedade”, onde o aluno se sente seguro para aprender e interagir.

Quem julga
o gesto,
esquece
o motivo.

1.2. O Mundo Através de Outros Sentidos: Entendendo o Processamento Sensorial

Para muitos alunos autistas, o mundo sensorial é vivido em volumes extremos. O que para uma pessoa neurotípica é um ruído de fundo, para um aluno autista pode ser um som ensurdecedor e doloroso. Essa experiência sensorial atípica é um dos aspectos mais impactantes e menos compreendidos do autismo na escola. O processamento sensorial pode ser dividido em duas categorias principais:

Hipersensibilidade (ou Super-reatividade):

O cérebro amplifica os estímulos sensoriais. A luz fluorescente da sala pode parecer um holofote ofuscante. O som de uma cadeira arrastando pode ser assustador. O toque leve de um colega na fila pode ser percebido como agressivo ou desconfortável. O cheiro do lanche de outra criança pode ser insuportável. Comportamentos como cobrir os ouvidos, evitar o contato físico ou se esconder sob a mesa são, frequentemente, tentativas de escapar dessa sobrecarga sensorial.



Hipossensibilidade (ou Hipo-reatividade): O cérebro sub-registra os estímulos, necessitando de mais intensidade para processá-los. Um aluno hipossensível pode parecer ter uma alta tolerância à dor, não sentir frio ou calor como os outros, ou buscar constantemente movimento (pular, correr, girar) para sentir seu corpo no espaço. Comportamentos como morder a gola da camiseta, bater objetos ou fazer barulhos com a boca podem ser uma forma de autogeração de estímulos sensoriais necessários para sua regulação.

É crucial entender que um mesmo aluno pode ser hipersensível a alguns estímulos (como sons) e hipossensível a outros (como o tato ou a propriocepção). Conectar esses perfis sensoriais aos comportamentos observáveis é uma ferramenta fundamental para a professora. A agitação normalmente não é uma “indisciplina”, pode ser uma busca por estímulo. A recusa em participar de uma atividade barulhenta pode não ser “teimosia”, mas uma autoproteção contra a dor sensorial.

1.3. Enxergando Potenciais, Não Apenas Desafios: A Abordagem Baseada em Forças

A narrativa sobre o autismo frequentemente se concentra nos déficits e dificuldades. No entanto, uma abordagem verdadeiramente inclusiva e eficaz deve ser baseada nas forças e nos potenciais de cada aluno. Mudar o foco do que o aluno “não consegue fazer” para o que ele “faz bem” transforma a dinâmica da sala de aula e a autoestima do estudante.

Embora não sejam universais, muitas pessoas no espectro autista apresentam pontos fortes notáveis que podem ser alavancados pedagogicamente:

- **Hiperfoco:** A capacidade de se concentrar intensamente em um tópico de interesse pode ser canalizada para projetos acadêmicos profundos e detalhados.
- **Atenção a Detalhes:** Uma percepção aguçada para padrões, detalhes e erros que outros podem não notar.
- **Pensamento Lógico e Sistemático:** Uma afinidade com regras, sistemas e processos lógicos, o que pode se traduzir em grande habilidade em matemática, programação ou música.
- **Honestidade e Justiça:** Um forte senso de justiça e uma comunicação direta, sem os filtros sociais que muitas vezes mascaram a verdade.
- **Memória de Longo Prazo:** Excelente capacidade de reter fatos e informações sobre áreas de interesse.

O primeiro passo prático para a professora é criar um “Perfil de Forças e Interesses” do aluno. Este documento simples, construído em colaboração com a família e, se possível, com o próprio aluno, serve como a pedra fundamental de todo o planejamento. Em vez de começar com uma lista de dificuldades, o planejamento começa com as perguntas: “Quais são os superpoderes deste aluno? O que o faz brilhar? Como podemos usar seus interesses como uma ponte para o aprendizado?”. Essa abordagem não apenas aumenta o engajamento do aluno, mas também redefine a percepção da professora e dos colegas, promovendo um ambiente de valorização e respeito genuínos.

*Todo potencial
floresce
quando
alguém
escolhe ver.*

2 - A Sala de Aula Estruturada: Criando um Ambiente Seguro e Previsível

Para um aluno no espectro autista, a sala de aula pode ser um ambiente caótico e imprevisível, gerando ansiedade que impede a aprendizagem. A estruturação do ambiente físico e temporal não é apenas uma “acomodação”, mas uma estratégia pedagógica fundamental que cria a segurança psicológica necessária para que o aluno possa se engajar e aprender. As estratégias apresentadas neste capítulo, baseadas em princípios do Design Universal para a Aprendizagem (DUA), beneficiam não apenas o aluno com autismo, mas toda a turma, promovendo uma gestão de sala de aula mais eficaz para todos.

2.1. Organização que Acalma: Estruturando o Espaço Físico

Um ambiente fisicamente organizado reduz a sobrecarga sensorial e cognitiva, permitindo que o aluno direcione sua energia para a aprendizagem. A clareza visual sobre “onde” e “o quê” acontece diminui a ansiedade e aumenta a autonomia. Um checklist prático para a organização da sala de aula pode incluir:

Minimizar Distrações Sensoriais:

- **Posicionamento Estratégico:** Sentar o aluno em uma posição que minimize distrações visuais e auditivas, como longe de janelas, portas ou corredores movimentados, e mais próximo da professora para facilitar o suporte discreto.

A ordem do espaço organiza também o coração.

Quando o
espaço
respeita,
o corpo
aprende
a descansar.

- **Organização Visual:** Utilizar caixas, cestos e prateleiras etiquetadas para organizar materiais. Cobrir estantes com muitos estímulos visuais com um tecido ou cartolina pode ajudar a “limpar” o ambiente visualmente.

Criar Zonas Definidas:

- **Delimitação Clara:** Usar tapetes, estantes baixas ou discos coloridos no chão para delimitar visualmente as áreas da sala, como o “canto da leitura” e o “lugar na roda”. Isso ajuda o aluno a entender qual comportamento é esperado em cada espaço.

Implementar o “Canto da Calma”:

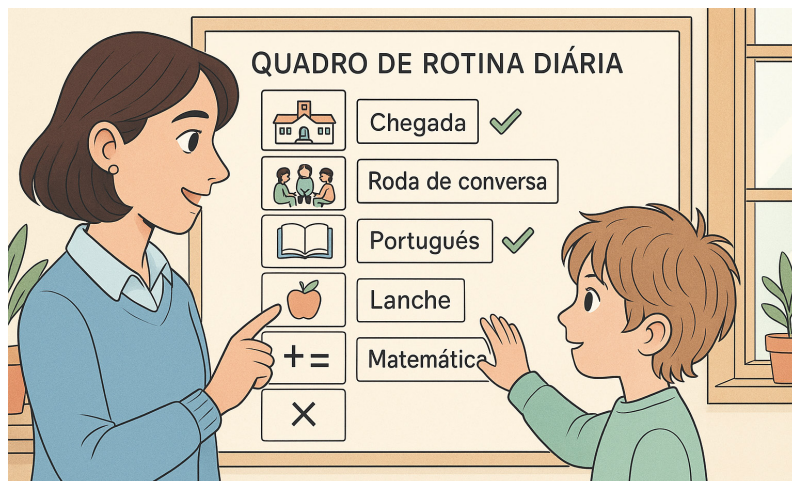
- **Um Refúgio Proativo:** Designar um pequeno espaço na sala ou na escola, de baixo estímulo (longe do barulho, talvez com iluminação mais suave), para onde o aluno pode se dirigir voluntariamente quando se sentir sobrecarregado, evitando uma explosão de desregulação.
- **Recursos de Regulação:** Equipar este espaço com itens que ajudem na regulação sensorial, como almofadas, livros, massinha de modelar, ou objetos de apertar. É crucial que este espaço seja visto como uma ferramenta de autorregulação, e não como um local de “castigo” ou isolamento.

2.2. O Poder dos Apoios Visuais: Tornando o Abstrato, Concreto



O cérebro autista frequentemente processa informações visuais com mais eficiência do que informações auditivas. Instruções verbais podem ser passageiras, complexas e facilmente perdidas em meio a outros sons. Apoios visuais, por outro lado, são permanentes, concretos e reduzem a carga de processamento, diminuindo a ansiedade sobre o que esperar e o que fazer.

A autonomia
começa
quando o
caminho
se revela
passo a passo.



- **Quadro de Rotina Diária:** Um quadro visível para todos os alunos com a sequência das atividades do dia (ex: Chegada, Roda de Conversa, Português, Lanche, Matemática, etc.), usando pictogramas, fotos ou palavras. Conforme cada atividade termina, o item correspondente pode ser removido ou marcado, tornando a passagem do tempo visível e previsível.
- **Mini Rotinas (Análise de Tarefas):** Tarefas com múltiplos passos, como “Lavar as mãos” ou “Preparar-se para a saída”, podem ser quebradas em sequências visuais simples. Por exemplo, para lavar as mãos: 1) Abrir a torneira, 2) Molhar as mãos, 3) Pegar o sabonete, 4) Esfregar as mãos, 5) Enxaguar, 6) Fechar a torneira, 7) Secar as mãos. Isso promove a autonomia e reduz a necessidade de instruções verbais repetitivas.
- **Quadro de Escolhas (Choice Boards):** Oferecer escolhas é uma poderosa ferramenta para aumentar o engajamento e diminuir comportamentos de oposição. Um quadro de escolhas apresenta duas ou três opções visuais para uma determinada tarefa ou momento. Por exemplo, durante a atividade de desenho, o aluno pode escolher entre usar lápis de cor ou giz de cera. Em momentos de lazer, pode escolher entre ler um livro ou montar um quebra-cabeça. Na escrita da redação, pode escolher se vai escrever no estilo carta para o herói ou para o vilão do seu anime preferido. Isso dá ao aluno um senso de controle e agência sobre seu ambiente.
- **Timer Visual:** O conceito de tempo é abstrato e pode ser uma fonte de ansiedade. Timers visuais, que mostram a passagem do tempo de forma concreta (como uma contagem regressiva colorida), ajudam o aluno a entender “quanto tempo falta” para terminar uma tarefa ou para a transição para a próxima atividade.

2.3. Dominando Rotinas e Transições: O Segredo da Previsibilidade

A consistência é a base da segurança para o aluno autista. Rotinas previsíveis e transições bem gerenciadas são essenciais para manter um estado emocional regulado e propício à aprendizagem.

- **Regras Claras e Visuais:** As regras da sala devem ser poucas, formuladas de maneira positiva (ex: “Na sala, nós andamos” em vez de “Não corra na sala”) e exibidas visualmente através de imagens ou texto simples.

Estratégias para Transições Suaves: As transições entre atividades são momentos de alta vulnerabilidade para a desregulação.

- **Avisos Antecipados:** Fornecer avisos verbais e visuais claros antes de uma transição. Por exemplo: “Em 5 minutos, vamos guardar os brinquedos para começar a aula de música”, enquanto aponta para o timer visual.
- **Objeto de Transição:** Permitir que o aluno segure um objeto preferido (um pequeno brinquedo, um cartão) ao se mover de uma atividade ou ambiente para outro pode oferecer conforto e segurança.
- **Quadro “Primeiro-Depois”:** Esta é uma ferramenta visual simples, mas extremamente eficaz, para aumentar a motivação em tarefas menos preferidas. O quadro tem dois espaços: “Primeiro” (onde se coloca a imagem da tarefa a ser realizada) e “Depois” (onde se coloca a imagem de uma atividade ou item desejado). Exemplo: “Primeiro, fazer a atividade de escrita; Depois, 5 minutos com os legos”.

Ao implementar essas estratégias de estruturação, a professora não está apenas ajudando um aluno, mas otimizando seu ambiente de ensino para todos. Uma sala de aula previsível, visualmente organizada e com transições claras é um ambiente onde todos os alunos, com ou sem diagnóstico, se sentem mais seguros, calmos e prontos para aprender.



*Entre
o agora e
o depois,
cabe um gesto
que acalma.*

3 - Estratégias Pedagógicas que Funcionam

Uma vez que o ambiente da sala de aula está estruturado para ser seguro e previsível, o foco se volta para as práticas de ensino. Adaptar a pedagogia não significa simplificar o currículo ou diminuir as expectativas; significa, sim, criar diferentes caminhos para que o aluno com autismo possa acessar o conhecimento, processá-lo e demonstrar sua aprendizagem. As estratégias a seguir são ferramentas práticas para tornar o ensino mais acessível e eficaz.

3.1. Comunicação Clara é a Chave: Como Dar Instruções Eficazes

A forma como a comunicação é apresentada pode ser a diferença entre o engajamento e a frustração para um aluno autista. A clareza, a concretude e a paciência são fundamentais.

Faça Assim	Evite Fazer Assim
Use linguagem literal e concreta. Diga exatamente o que quer dizer. Ex: "Pegue o livro azul e coloque-o sobre a sua mesa."	Usar sarcasmo, ironia ou expressões idiomáticas. Frases como "Você quebrou a perna?" para alguém que corre podem ser confusas.
Dê uma instrução de cada vez. Espere o aluno completar a primeira antes de dar a segunda.	Dar múltiplas instruções de uma vez. "Guarde seu caderno, pegue o estojo, faça a margem e escreva o cabeçalho." é uma sequência complexa.
Use o nome do aluno no início da frase para garantir sua atenção. Ex: "João, olhe para mim."	Fazer perguntas retóricas ou negativas. "Você não vai começar a lição?" pode ser interpretado literalmente como um "não".
Dê tempo para o processamento. Após dar uma instrução, conte mentalmente até 10 antes de repetir. O aluno pode precisar de mais tempo para processar a informação auditiva.	Assumir que a falta de resposta imediata é desafio ou desatenção. Repetir a instrução rapidamente, ou dar a resposta imediatamente, pode sobrecarregar ainda mais o aluno.
Apoie a fala com gestos e recursos visuais. Aponte para o objeto que você está mencionando. Mostre um exemplo visual do que é esperado.	Confiar exclusivamente na comunicação verbal.

3.2. Adaptação Inteligente: Atividades e Avaliações para Todos

Adaptar o material pedagógico é uma das práticas mais importantes da inclusão. O objetivo não é criar uma atividade “mais fácil”, mas remover barreiras que impedem o aluno de demonstrar seu conhecimento real. Muitas vezes, uma pequena mudança pode ter um grande impacto. A chave é pensar: “Qual é o objetivo real desta atividade? E qual barreira está impedindo meu aluno de alcançá-lo?”.

Exemplos Práticos de Adaptações Simples:

Leitura e Escrita:

- **Formato da Resposta:** Se o objetivo é avaliar a compreensão de um texto, permitir que o aluno responda oralmente, aponte ou desenhe uma linha para a resposta correta ou use um computador para digitar pode ser uma alternativa à escrita manual, que pode ser um desafio motor.
- **Organização Visual:** Usar organizadores gráficos, como mapas mentais ou diagramas de causa e efeito, ajuda a estruturar as ideias para a produção de textos.
- **Redução da Carga Visual:** Apresentar menos questões por página, com mais espaço em branco, pode reduzir a sobrecarga visual e a ansiedade.

Matemática:

- **Material Concreto:** Utilizar blocos, ábacos ou outros materiais manipuláveis para tornar os conceitos abstratos mais concretos.
- **Redução da Quantidade:** Em uma lista de exercícios, o objetivo é praticar uma habilidade. Muitas vezes, o aluno pode demonstrar maestria com 5 problemas em vez de 20. A complexidade do problema permanece a mesma, mas a carga de trabalho é reduzida.

Avaliações:

- **Tempo e Ambiente:** Oferecer tempo extra é uma acomodação comum e eficaz. Permitir que o aluno faça a prova em um local mais silencioso, com menos distrações, pode melhorar significativamente seu desempenho.
- **Clareza do Enunciado:** Ler as questões em voz alta para o aluno e garantir que ele compreendeu o que está sendo pedido, sem dar a resposta, é uma adaptação crucial.

A sobrecarga de trabalho é uma dor real para as professoras, e a ideia de criar materiais adaptados pode parecer mais uma tarefa em uma lista interminável. Por isso, é útil adotar o princípio de **“Uma Mudança, Um Impacto”**: em vez de tentar refazer toda a aula, a professora pode se concentrar em fazer uma pequena adaptação estratégica que pode fazer toda a diferença para aquele aluno.

3.3. O Hiperfoco como Aliado: Usando Interesses Especiais para Ensinar

Os interesses intensos e específicos de um aluno autista, frequentemente vistos como uma distração ou um obstáculo, podem ser a ferramenta pedagógica mais poderosa à disposição da professora. Incorporar esses interesses no currículo não é apenas uma forma de motivar o aluno; é uma maneira de conectar o conteúdo acadêmico a algo que já possui significado e estrutura em sua mente.



Interesse do Aluno	Matemática	Português	Ciências/História
Dinossauros	Criar problemas envolvendo o peso, altura e comprimento de diferentes dinossauros. Usar fósseis para ensinar sobre medição e escala.	Escrever uma história de ficção sobre um dinossauro. Criar um “dicionário de dinossauros” com descrições e classificações.	Estudar os períodos geológicos (Triássico, Jurássico, Cretáceo). Classificar dinossauros como herbívoros ou carnívoros.
Trens e Metrô	Calcular a velocidade, o tempo e a distância entre estações. Criar gráficos com horários de partida e chegada.	Escrever um diário de bordo de um maquinista. Criar um guia de viagem descrevendo as estações de uma linha.	Estudar o funcionamento de motores a vapor e elétricos. Pesquisar a história da expansão ferroviária no Brasil.
Sistema Solar	Usar as distâncias entre os planetas para trabalhar com números grandes e notação científica. Calcular a duração do dia e do ano em diferentes planetas.	Criar uma narrativa de ficção científica sobre uma viagem espacial. Escrever um relatório informativo sobre as características de um planeta específico.	Estudar as fases da lua, os eclipses e as características de cada planeta (composição, atmosfera, etc.).

Ao utilizar o hiperfoco como uma ponte para o aprendizado, a professora valida os interesses do aluno, aumenta seu engajamento e demonstra, na prática, que o conhecimento acadêmico pode ser relevante e conectado às suas paixões.

4 - Navegando o Mundo Social e Emocional

A sala de aula é um complexo ecossistema social. Para alunos no espectro autista, decodificar as regras não escritas das interações, gerenciar emoções intensas e se proteger de situações de vulnerabilidade, como o bullying, são desafios imensos. Este capítulo oferece estratégias práticas e claras para ensinar habilidades sociais e emocionais, transformando a sala de aula em um ambiente mais seguro e acolhedor para o desenvolvimento interpessoal.



Ensinar habilidades sociais é ensinar a existir para quem está perdido entre pessoas.

4.1. Ensinando Habilidades Sociais na Prática

É um equívoco comum acreditar que as habilidades sociais são adquiridas “naturalmente”. Para muitos indivíduos, especialmente aqueles no espectro autista, essas habilidades precisam ser ensinadas de forma tão clara e estruturada quanto o conteúdo acadêmico. O modelo PEERS (Program for the Education and Enrichment of Relational Skills) oferece uma base robusta para esse ensino, focando em comportamentos socialmente válidos.

Passos Concretos para a Sala de Aula

Iniciando e Mantendo Conversas:

- **Ensino Explícito:** Ensinar uma “fórmula” simples para iniciar conversas: 1) Observe o que a outra pessoa está fazendo ou falando; 2) Encontre um interesse em comum; 3) Faça um comentário ou uma pergunta sobre esse interesse.
- **Troca de Informações:** Praticar a “troca de informações” como um jogo de pingue-pongue: uma pessoa fala algo sobre si e depois faz uma pergunta para a outra pessoa, mantendo a conversa equilibrada.

Estruturando Interações em Grupo:

- **Atribuição de Papéis:** Em trabalhos de grupo, a ansiedade social pode ser paralisante. Atribuir papéis claros e específicos (ex: “Você será o ‘anotador’, responsável por escrever as ideias do grupo”; “Você será o ‘guardião do tempo’, avisando quando faltarem 5 minutos”) fornece uma estrutura que facilita a participação e define as expectativas.
- **Jogos com Regras Visuais:** Utilizar jogos de tabuleiro ou brincadeiras com regras visuais claras para praticar a troca de turnos, o ganhar e o perder de forma respeitosa (bom espírito esportivo) e a comunicação durante o jogo.

Uso de Ferramentas Visuais:

- **Histórias Sociais:** São narrativas curtas e personalizadas que descrevem uma situação social específica, as perspectivas das outras pessoas e o comportamento esperado. Por exemplo, uma história social sobre “Como pedir para brincar no recreio” pode guiar o aluno passo a passo, reduzindo a ansiedade e oferecendo um roteiro claro.
- **Scripts Sociais:** Fornecer “roteiros” curtos para interações comuns, como cumprimentar um colega ou pedir ajuda. Estes scripts podem ser praticados através de uma encenação em um ambiente seguro.

É fundamental que o ensino de habilidades sociais seja integrado às atividades diárias da sala de aula, em vez de ser um evento isolado. O trabalho em grupo, as rodas de conversa e até mesmo as transições são oportunidades naturais para praticar e reforçar essas competências.

*A conversa
não nasce
pronta
ela se
aprende,
um gesto de
cada vez.*

*Nomear
o sentir
é começar
a acalmar
o coração.*

4.2. O Termômetro das Emoções: Apoiando a Autorregulação



Alunos autistas podem sentir emoções com grande intensidade, mas ter dificuldade em identificar, nomear e expressar esses sentimentos de forma convencional. A dificuldade com a interocepção (a percepção dos estados internos do corpo) pode fazer com que a ansiedade ou a frustração cresçam rapidamente até um ponto de sobrecarga, resultando em uma crise ou “meltdown”. Ferramentas visuais podem ajudar a construir a consciência emocional e fornecer uma forma não verbal de comunicação.

Ferramentas Práticas para a Sala de Aula:

- **Escala de Emoções (Termômetro ou Escala de 5 Pontos):** Um recurso visual simples, como um termômetro ou uma régua colorida, que vai de 1 (verde, “Estou calmo e pronto para aprender”) a 5 (vermelho, “Estou sobrecarregado e preciso de uma pausa agora”). O aluno pode ser ensinado a apontar para o número ou cor que representa seu estado emocional atual. Isso permite que a professora intervenha proativamente, antes que o estresse atinja o nível máximo.
- **Cartões de Pausa ou Ajuda:** Fornecer ao aluno um ou dois cartões laminados que ele possa colocar discretamente em sua mesa. Um “Cartão de Pausa” pode sinalizar a necessidade de ir para o “Canto da Calma” ou mesmo sair da sala por alguns minutos para se regular. Um “Cartão de Ajuda” pode indicar que ele está com dificuldades em uma tarefa e precisa de suporte, sem ter que levantar a mão e chamar a atenção de toda a turma.

*Empatia
também
se aprende
e muda
o clima
da sala
inteira.*

4.3. Bullying: Estratégias de Prevenção e Ação

Alunos no espectro autista são desproporcionalmente vulneráveis ao bullying devido às suas dificuldades na compreensão de nuances sociais e na resposta a provocações. Nesse caso a abordagem deve ser dupla: prevenir a ocorrência e equipar o aluno com estratégias para responder quando ela acontecer.

Prevenção na Turma:

- **Cultura de Respeito à Neurodiversidade:** Promover ativamente na sala de aula a ideia de que todos os cérebros são diferentes e que essas diferenças são valiosas. Utilizar livros, vídeos e discussões que expliquem o autismo (e outras neurodivergências) de forma positiva e desmistificada.
- **Enfatizar a Empatia:** Realizar atividades que incentivem os alunos a considerarem as perspectivas dos outros. A teoria da “Dupla Empatia” sugere que as dificuldades de comunicação são bidirecionais; pessoas neurotípicas também têm dificuldade em entender a perspectiva autista. Discutir isso pode ajudar a reduzir o estigma.

Ação e Empoderamento do Aluno:

- **Respostas Curtas e Neutras:** Ensinar ao aluno respostas curtas e ensaiadas para provocações verbais, inspiradas nas “teasing comebacks” do modelo PEERS. Respostas como “E daí?”, “Tanto faz” ou “Sei lá”, ditas com um tom neutro e sem contato visual prolongado, removem o reforço que o agressor busca (uma reação emocional).
- **Sinal de Ajuda Discreto:** Combinar com o aluno um sinal não verbal (como tocar na orelha ou colocar um objeto específico na mesa) que ele possa usar para alertar a professora de que está em uma situação desconfortável ou de risco, sem precisar confrontar o agressor publicamente.
- **Protocolo Claro:** Estabelecer um protocolo de ação claro e consistente para quando o bullying for identificado, envolvendo a comunicação imediata com a coordenação pedagógica e a família, garantindo que o aluno se sinta seguro e protegido.

5 - Comportamento é Comunicação



Um dos maiores desafios relatados por professores no processo de inclusão é o manejo de comportamentos disruptivos ou desafiadores. A mudança de paradigma proposta pela Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é transformadora: em vez de ver o comportamento como um “problema” a ser eliminado, ele é entendido como uma forma de comunicação. Todo comportamento, especialmente o mais desafiador, tem uma função e está tentando comunicar uma necessidade não atendida. Adotar essa perspectiva permite que a equipe escolar passe de uma postura reativa para uma abordagem proativa e investigativa.

*Quem escuta o comportamento,
escuta o que não foi dito.*

5.1. Decodificando a Mensagem: O que o Comportamento Está Dizendo?

A análise funcional é o processo de identificar o propósito (ou a “função”) de um comportamento. Na prática da sala de aula, não é necessário realizar uma análise formal complexa, mas sim entender as quatro funções principais que motivam o comportamento humano. Compreender a função provável de um comportamento é o primeiro passo para ensinar uma forma mais apropriada de comunicar a mesma necessidade.

AS QUATRO FUNÇÕES DO COMPORTAMENTO



- **Atenção:** O comportamento ocorre para obter uma reação social de outras pessoas (professores ou colegas). Isso inclui tanto atenção positiva (elogios, risadas) quanto negativa (repreensões). Exemplo escolar: Um aluno que faz barulhos com a boca enquanto a professora explica a matéria pode estar comunicando: “Olhe para mim, interaja comigo”.
- **Fuga/Esquiva:** O comportamento ocorre para escapar ou evitar uma tarefa, pessoa ou situação aversiva. Exemplo escolar: Um aluno que se joga no chão quando a folha de atividade de matemática é apresentada pode estar comunicando: “Esta tarefa é muito difícil/longa/chata/assustadora e eu não quero fazê-la”.
- **Acesso a Itens ou Atividades Tangíveis:** O comportamento ocorre para obter um item ou uma atividade desejada. Exemplo escolar: Um aluno que arranca o brinquedo da mão de um colega está comunicando de forma direta, embora inadequada: “Eu quero esse brinquedo agora”.
- **Sensorial (Automático):** O comportamento em si é reforçador, pois produz uma sensação interna prazerosa ou alivia um desconforto. Ele não depende da reação de outras pessoas. Exemplo escolar: Balançar o corpo, morder a manga da blusa ou olhar fixamente para as luzes pode ser uma forma de autorregulação ou autoestimulação sensorial.

*Toda ação
carrega um
porquê,
mesmo
quando parece
que vem
“do nada”.*

A tabela a seguir serve como um “decodificador” rápido para ajudar a formular hipóteses sobre a função do comportamento e a pensar em estratégias proativas.

Tabela Decodificador de Comportamentos: O que ele pode estar me dizendo?

Comportamento que Você Vê (Exemplo)	O que Pode Estar Sendo Comunicado (Função Provável)	Estratégia Proativa para Agir (Em vez de Reagir)
Grita e joga o lápis no chão quando a folha de matemática é apresentada.	Fuga/Esquiva: “Esta tarefa é muito longa/difícil/assustadora para mim.”	Verifique se a tarefa está no nível de habilidade adequado. Divida a folha em partes menores. Use o quadro “Primeiro-Depois” (“Primeiro, faça 2 exercícios, Depois, 3 minutos de pausa”).
Faz barulhos com a boca ou bate na mesa enquanto você explica a matéria.	Atenção: “Estou entediado e quero sua atenção.” OU Sensorial: “Este som/vibração é autorregulador para mim.”	Aumente as oportunidades de participação ativa para o aluno durante a aula (fazer perguntas diretas, pedir para ajudar a distribuir material). Ofereça um objeto sensorial silencioso (ex: anel de apertar, massinha) para ele manipular.
Tenta pegar o brinquedo de um colega repetidamente.	Acesso a Tangível: “Eu quero usar o brinquedo.”	Use um quadro de rotina visual que mostre claramente quando será a vez dele de usar o brinquedo. Pratique com ele a forma de pedir emprestado (“Posso usar depois?”).
Levanta-se e corre pela sala durante a hora da leitura em silêncio.	Fuga/Esquiva: “Ficar sentado por muito tempo é difícil.” OU Sensorial: “Meu corpo precisa de movimento.”	Incorpore pausas para movimento antes da atividade. Ofereça uma almofada sensorial para sentar ou uma faixa elástica nos pés da cadeira para que ele possa se movimentar discretamente.

Quando o
caminho
é gentil,
o passo difícil
vem com
mais leveza.

5.2. Agir Antes que Aconteça: O Poder das Estratégias Antecedentes

A abordagem mais eficaz e menos estressante para o manejo de comportamentos é a prevenção. Estratégias antecedentes são modificações feitas no ambiente ou na forma como as tarefas são apresentadas antes que o comportamento desafiador ocorra, tornando-o menos provável de acontecer.

- **Oferecer Escolhas:** Como já mencionado, dar ao aluno opções limitadas (ex: “Você prefere desenhar com o lápis azul ou o vermelho?”) aumenta o senso de autonomia e cooperação.
- **Sequência de Alta Probabilidade (High-P):** Esta técnica consiste em fazer de 2 a 5 solicitações fáceis e rápidas, que o aluno tem alta probabilidade de cumprir (ex: “Bata palmas”, “Faça um ‘joinha’”, “Me dê um ‘toca aqui’”), e imediatamente após o cumprimento, apresentar a solicitação de baixa probabilidade (a tarefa mais desafiadora, ex: “Agora, vamos ler essa página”). O “momentum” comportamental criado pelas respostas positivas aumenta a chance de o aluno cumprir a tarefa mais difícil.
- **Enriquecimento Ambiental e Reforçamento Não Contingente:** Garantir que o ambiente seja rico em estímulos positivos e que o aluno receba atenção e acesso a itens preferidos em momentos em que **não** está engajado em comportamentos desafiadores. Isso pode diminuir a motivação para se comportar de forma inadequada para obter essas mesmas coisas.



5.3. O Guia Prático do Reforço Positivo

Reforçar positivamente significa apresentar uma consequência agradável imediatamente após um comportamento desejado, o que aumenta a probabilidade de que esse comportamento se repita no futuro. É a ferramenta mais poderosa para ensinar novas habilidades e comportamentos. É crucial diferenciá-lo de “suborno”, que é oferecido no meio de um comportamento inadequado para fazê-lo parar. O reforço é planejado e contingente ao comportamento correto.

Como Aplicar o Reforço Positivo de Forma Eficaz:

- **Seja Específico (Elogio Descritivo):** Em vez de um “Muito bem!” genérico, descreva o comportamento que está elogiando. “Adorei como você levantou a mão em silêncio para fazer uma pergunta!” Isso informa ao aluno exatamente o que ele fez certo.
- **Seja Imediato:** O reforço deve ser entregue o mais rápido possível após a ocorrência do comportamento desejado para que a conexão seja clara.
- **Seja Individualizado:** O que é reforçador para um aluno pode não ser para outro. Liste os principais interesses do aluno para identificar o que realmente o motiva. Pode ser um elogio verbal, um tempo extra para desenhar, adesivos, a chance de ser o “ajudante do dia”, ou 5 minutos para falar sobre seu interesse especial.
- **Seja Consistente:** Especialmente ao ensinar uma nova habilidade, é importante reforçar cada ocorrência correta do comportamento. Com o tempo, o reforço pode se tornar mais intermitente.

Ao adotar uma perspectiva de “comportamento é comunicação” e focar em estratégias proativas e de reforço, a professora muda sua interação com o aluno de um ciclo de conflito para um ciclo de ensino e colaboração.

*Reforçar
é ensinar
com alegria
e confiança
para o amanhã.*

6 - Você Não Está Sozinha: Rede de Apoio

A inclusão de um aluno com autismo não é, e não deve ser, uma responsabilidade exclusiva da professora regente. O sucesso do processo depende de uma rede de apoio colaborativa e alinhada, envolvendo a família, profissionais de apoio, a coordenação pedagógica, colegas e, quando aplicável, terapeutas externos. No entanto, a realidade muitas vezes revela um cenário de isolamento profissional, onde a professora se sente sobrecarregada e sozinha na linha de frente. Este capítulo oferece estratégias para construir e fortalecer essa rede, transformando o isolamento em colaboração eficaz e reduzindo o estresse e o risco de esgotamento.



*Incluir é
tarefa de
muitos,
e alívio de
quem não
caminha só.*

6.1. A Parceria Essencial com a Família: Da Reunião ao Dia a Dia

A família é a maior especialista no aluno. A parceria entre escola e família é, portanto, o pilar da educação inclusiva. Contudo, essa relação pode ser marcada por falhas de comunicação, desconfiança ou falta de engajamento, como apontado por professores em diversas pesquisas. Construir uma ponte sólida de comunicação requer estratégias proativas e de baixo esforço.

Quando escola
e família
se escutam,
o aluno
floresce
por inteiro.

Estratégias para uma Comunicação Eficaz:

- **Agenda de Comunicação Diária:** Um simples caderno ou uma folha de registro que viaja entre a casa e a escola pode ser uma ferramenta poderosa. Nele, a professora pode anotar uma ou duas observações positivas do dia e um desafio específico, e a família pode fazer o mesmo. Isso cria um canal de comunicação regular, focado e que não depende apenas de reuniões formais.
- **Comece Sempre pelo Positivo:** Em qualquer interação com a família — seja um bilhete, uma ligação ou uma reunião — a primeira informação compartilhada deve ser uma conquista, um ponto forte ou um momento positivo do aluno naquele dia ou semana. Essa abordagem muda o tom da conversa de um “relatório de problemas” para uma discussão colaborativa sobre uma criança que ambos valorizam.



- **Foco em Soluções Colaborativas:** A linguagem utilizada é fundamental. Em vez de apresentar um problema como exclusivo do aluno (ex: “Ele não está fazendo as tarefas”), a questão pode ser enquadrada como um desafio compartilhado. Por exemplo: “Tenho notado que as tarefas de escrita estão sendo mais difíceis para ele. Vocês observam algo parecido em casa? Que ideias vocês têm que poderiam nos ajudar a apoiá-lo juntos?”.

Quando
o apoio
se alinha,
o aluno
encontra
espaço
para crescer.

6.2. O Trabalho em Equipe com o Profissional de Apoio/Mediador



O profissional de apoio escolar (também chamado de mediador, tutor ou cuidador) é um recurso legalmente garantido e essencial para muitos alunos autistas. No entanto, a falta de formação específica para esses profissionais e a ausência de diretrizes claras sobre suas atribuições podem gerar confusão e subutilização desse suporte. O alinhamento entre a professora regente e o profissional de apoio é vital.

Definindo Papéis e Responsabilidades:

- **Liderança Pedagógica do Professor:** A responsabilidade pelo planejamento pedagógico, adaptação de materiais e avaliação da aprendizagem é da professora regente.
- **O Papel do Profissional de Apoio:** O profissional de apoio atua sob a orientação da professora para implementar as estratégias planejadas. Seu objetivo principal é facilitar a participação e a autonomia do aluno, e não criar uma relação de dependência. Ele é uma ponte entre o aluno e a turma/atividade, não uma barreira.
- **Checklist de Alinhamento Semanal:** Uma conversa rápida e estruturada de 10-15 minutos no início de cada semana pode fazer uma enorme diferença. Nesse encontro, professora e profissional de apoio podem revisar as metas da semana para o aluno, discutir quais estratégias funcionaram ou não na semana anterior e alinhar como o suporte será oferecido nas principais atividades planejadas.

6.3. Descomplicando o PEI: Do Papel à Prática

O Plano Educacional Individualizado (PEI) é a ferramenta central para a personalização do ensino, amplamente reconhecida como essencial. No entanto, na prática, muitos professores o percebem como um documento burocrático, complexo e desconectado da realidade da sala de aula, o que representa uma barreira significativa para sua implementação eficaz. É preciso resgatar o PEI como uma ferramenta viva e útil.

Reenquadrando o PEI como um “Mapa da Jornada”

Antes da Reunião: A preparação é chave. A professora pode enviar um questionário simples para a família, pedindo que listem os 3 maiores pontos fortes do aluno, seus 3 principais interesses e os 3 maiores desafios que observam. Isso garante que a voz da família seja central no processo.



Durante a Reunião: O foco deve ser a colaboração para definir metas claras e funcionais. Utilizar o formato SMART (Específicas, Mensuráveis, Atingíveis, Relevantes e Temporais) é fundamental.

- **Meta Vaga:** “Melhorar a socialização.”
- **Meta SMART:** “Até o final do bimestre, João iniciará uma interação curta (um comentário ou uma pergunta) com um colega durante o recreio, duas vezes por semana, com o incentivo visual do profissional de apoio.”

O PEI
só faz sentido
quando nasce
da escuta
e vira ação.

Depois da Reunião: O documento completo do PEI pode ser extenso. A professora, em conjunto com o profissional de apoio, pode extrair as informações mais importantes para criar um **“Plano de Ação de 1 Página”**. Este resumo prático deve conter:

- As 2-3 metas prioritárias para o período.
- Os principais pontos fortes e interesses a serem utilizados.
- Uma lista das 5-6 estratégias e adaptações chave que serão implementadas diariamente na sala de aula (ex: “Usar quadro Primeiro-Depois para matemática”, “Oferecer fones de ouvido durante atividades barulhentas”, “Fazer aviso de 5 minutos antes das transições”).

Este **“Plano de Ação de 1 Página”** pode ser fixado em um local discreto na sala de aula, servindo como um lembrete constante e prático das estratégias acordadas, transformando o PEI de um arquivo guardado na gaveta em um guia ativo para a prática diária.

Próximos Passos: Sua Jornada Continua com a ADAPTE

Ao chegar ao final deste guia, a professora da educação básica possui uma caixa de ferramentas mais robusta e uma nova perspectiva para apoiar o aluno com autismo. A jornada da inclusão é transformada de um caminho de incertezas para um percurso de ações intencionais e empáticas. As estratégias aqui apresentadas, desde a estruturação do ambiente até a decodificação do comportamento como comunicação, foram projetadas para serem práticas, eficazes e, acima de tudo, para empoderar a educadora em seu papel fundamental.

Fica evidente que a inclusão bem-sucedida não é um destino final, mas uma prática contínua de observação, aprendizado e adaptação. O compromisso e a dedicação da professora são a força motriz desse processo. Com as ferramentas certas, o sentimento de despreparo pode dar lugar à confiança, e a frustração pode se transformar na satisfação de ver cada aluno, em sua singularidade, florescer.

*O que cabe
em uma página
pode mudar
o ano inteiro.*

ADAPTE
Capacitando
quem
transforma
o futuro.



A jornada do aprendizado, no entanto, não termina aqui. À medida que novas estratégias são aplicadas, novas perguntas e desafios surgirão. A mentalidade evolui de “o que eu faço?” para “como posso aprofundar e refinar o que estou fazendo?”. É neste ponto que a ADAPTE Educação se apresenta como a parceira ideal para os próximos passos.

- **Para a Professora que Busca Mais Conhecimento:** As estratégias deste guia despertaram seu interesse? No programa SuperABA, a ADAPTE Educação aprofunda por mais de 100 horas em como aplicar os princípios da Análise do Comportamento com vídeos, estudos de caso e supervisão de especialistas, transformando a teoria em prática consolidada.
- **Para a Escola que Busca uma Transformação Sistêmica:** A sua escola precisa de um apoio mais estruturado para além da sala de aula individual? A ADAPTE Educação oferece consultoria especializada para a implementação de uma cultura verdadeiramente neuroinclusiva, trabalhando com toda a equipe gestora e pedagógica para criar sistemas de apoio sustentáveis.
- **Para a Comunidade que Busca Conexão e Dicas Contínuas:** A conversa não para. Siga a ADAPTE Educação nas redes sociais para ter acesso a dicas diárias, participar de lives com especialistas renomados e fazer parte de uma comunidade vibrante de educadores e famílias comprometidos com a inclusão.

A ADAPTE Educação existe para garantir que nenhuma professora se sinta sozinha nesta jornada. Este guia é o primeiro passo. O próximo é continuar crescendo, aprendendo e transformando, juntos.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5ª ed., M. I. C. Nascimento, Trad.). Artmed.
- Anderson, A., Moore, D. W., Rausa, V. C., Finkelstein, S., Pearl, S., & Stevenson, M. (2017). A systematic review of interventions for adults with autism spectrum disorder to promote employment. *Review Journal of Autism and Developmental Disorders*, 4, 26-38.
- Azevedo, J. et al. (2016). *Sentir, pensar e agir: As preocupações dos professores portugueses*. Fundação Manuel Leão.
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(1), 91-97.
- Baron-Cohen, S. (2002). The extreme male brain theory of autism. *Trends in Cognitive Sciences*, 6(6), 248-254.
- Bond, C., Symes, W., Hebron, J., Humphrey, N., & Morewood, G. (2016). *Educational provision for children and young people on the autism spectrum in Ireland*. National Council for Special Education.
- Breakey, C. (2006). *The autism spectrum: A guide for parents and professionals*. Jessica Kingsley Publishers.
- Carr, E. G., & Durand, V. M. (1985). Reducing behavior problems through functional communication training. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 18(2), 111-126.
- Carvalho, L. M., & Loureiro, A. (2021). Burocracia eletrónica e autonomia das escolas: Um estudo em escolas portuguesas. *Educação & Sociedade*, 42, e237950.
- Constantino, J. N., & Gruber, C. P. (2012). *Social Responsiveness Scale* (2nd ed.). Western Psychological Services.
- Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W. L. (2020). *Applied behavior analysis* (3rd ed.). Pearson.
- Daly, P., Ring, E., Egan, M., Fitzgerald, J., Griffin, C., Long, S., McCarthy, E., Moloney, M., O'Brien, T., O'Byrne, A., O'Sullivan, S., Ryan, M., Wall, E., & Madden, C. (2016). *An evaluation of education provision for students with autism spectrum disorder in Ireland*. National Council for Special Education.
- Dunlap, G., dePerczel, M., Clarke, S., Wilson, D., Wright, S., White, R., & Gomez, A. (1994). Choice making to promote adaptive behavior for students with emotional and behavioral challenges. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27(3), 505-518.
- Floyd, R. G., Phaneuf, R. L., & Wilczynski, S. M. (2005). Measurement properties of indirect assessment methods for functional behavioral assessment: A review of research. *School Psychology Review*, 34(1), 58-73.
- Frankel, F., & Myatt, R. (2003). *Children's friendship training*. Brunner-Routledge.
- Gresham, F. M., & Elliott, S. N. (2008). *Social Skills Improvement System (SSIS) rating scales*. Pearson.

- Hagopian, L. P., Crockett, J. L., & Keeney, K. M. (2001). A component analysis of a brief multiple-stimulus preference assessment. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 34(3), 281-290.
- Harrison, P. L., & Oakland, T. (2015). *Adaptive Behavior Assessment System* (3rd ed.). Pearson.
- Hess, K. L., Naoom, S. F., & Kroeger, S. D. (2008). A review of evidence-based practices for students with autism spectrum disorders in the school setting. *Georgia School Psychologists Association Journal*, 29(1), 1-15.
- Howard, J. S., Sparkman, C. R., Cohen, H. G., Green, G., & Stanislaw, H. (2005). A comparison of intensive behavior analytic and eclectic treatments for young children with autism. *Research in Developmental Disabilities*, 26(4), 359-383.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2021). *Censo Escolar da Educação Básica 2021: Funções Docentes*. INEP.
- Ipec. (2022). *Pesquisa de opinião com professores e professoras de escolas públicas*. Itaú Social; Todos Pela Educação; Instituto Península; Profissão Docente.
- Iwata, B. A., Dorsey, M. F., Slifer, K. J., Bauman, K. E., & Richman, G. S. (1994). Toward a functional analysis of self-injury. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27(2), 197-209. (Reprinted from *Journal of Applied Behavior Analysis*, 15, 3-20, 1982).
- Kern, L., Childs, K. E., Dunlap, G., Clarke, S., & Falk, G. D. (1994). Using assessment-based curricular intervention to improve the classroom behavior of a student with emotional and behavioral challenges. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27(1), 7-19.
- Laugeson, E. A. (2013). *The science of making friends: Helping socially challenged teens and young adults*. Jossey-Bass.
- Laugeson, E. A. (2014). *The PEERS curriculum for school-based professionals: Social skills training for adolescents with autism spectrum disorder*. Routledge.
- Laugeson, E. A., & Frankel, F. (2010). *Social skills for teenagers with developmental and autism spectrum disorders: The PEERS treatment manual*. Routledge.
- Laugeson, E. A., Frankel, F., Mogil, C., & Dillon, A. R. (2009). Parent-assisted social skills training to improve friendships in teens with autism spectrum disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 39(4), 596-606.
- Lord, C., Rutter, M., DiLavore, P. C., Risi, S., Gotham, K., & Bishop, S. L. (2012). *Autism Diagnostic Observation Schedule* (2nd ed.). Western Psychological Services.
- Lovaas, O. I. (1987). Behavioral treatment and normal educational and intellectual functioning in young autistic children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55(1), 3-9.
- Matson, J. L., & Boisjoli, J. A. (2009). The token economy for children with intellectual disability and/or autism: A review. *Research in Developmental Disabilities*, 30(2), 240-248.

- Milton, D. E. M. (2012). On the ontological status of autism: The 'double empathy problem'. *Disability & Society*, 27(6), 883-887.
- National Council for Curriculum and Assessment. (2009). *Aistear: The early childhood curriculum framework*. NCCA.
- Prizant, B. M., Wetherby, A. M., Rubin, E., Laurent, A. C., & Rydell, P. J. (2006). *The SCERTS model: A comprehensive educational approach for children with autism spectrum disorders*. Paul H. Brookes Publishing.
- Quill, K. A., & Stansberry Brusnahan, L. L. (2017). *Do-watch-listen-say: Social and communication intervention for autism spectrum disorder* (2nd ed.). Paul H. Brookes Publishing.
- Reynolds, C. R., & Kamphaus, R. W. (2015). *Behavior Assessment System for Children* (3rd ed.). Pearson.
- Schopler, E., Van Bourgondien, M. E., Wellman, G. J., & Love, S. R. (2010). *Childhood Autism Rating Scale* (2nd ed.). Western Psychological Services.
- Silva, E. F., & Elias, L. C. S. (2022). Inclusão de alunos com deficiência intelectual: recursos e dificuldades da família e de professoras. *Educação em Revista*, 38, e26627.
- Sparrow, S. S., Cicchetti, D. V., & Saulnier, C. A. (2016). *Vineland Adaptive Behavior Scales* (3rd ed.). Pearson.
- Sugai, G., & Horner, R. H. (2009). Responsiveness-to-intervention and school-wide positive behavior supports: Integration and alignment. *Exceptionality*, 17(4), 223-237.
- Sundberg, M. L. (2008). *The Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program (VB-MAPP)*. AVB Press.
- Watkins, C. L. (1997). *Project Follow Through: A case study of contingencies influencing instructional practices of the educational establishment*. Cambridge Center for Behavioral Studies.
- Wechsler, D. (2020). *Wechsler Individual Achievement Test* (4th ed.). Pearson.



Capacitando quem transforma o futuro.